economia

Risco de recessão no Brasil ganha força para 2027

Indefinição do governo federal de como enfrentará atual crise fiscal do País amplia preocupação sobre cenário econômico

/ CONJUNTURA

A economia brasileira pode entrar em recessão em 2027, impulsionada pelo rápido endurecimento das condições financeiras e pelo enfraquecimento dos motores que sustentaram a atividade recente. Projeções do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (Ibre-FGV), de consultorias e bancos indicam uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) ao redor de 1% em 2027, com uma recessão não descartada.

Exercício preliminar do Ibre-FGV alerta que, mantendo-se a piora atual nas condições financeiras, com juros e dólar em alta, as atividades cíclicas (comércio, indústria de transformação e serviços), que acompanham o ritmo econômico, recuariam 0,5% em 2027.

Nesse cenário, mesmo mantendo projeção positiva de 1% nos setores chamados exógenos (agropecuária e indústria extrativa), aqueles dependentes de variáveis climáticas e de mercado, o PIB ficaria estagnado no próximo ano.

Isso ampliaria drasticamente a vulnerabilidade do País e a possibilidade de uma recessão. Outras consultorias e bancos já expõem explicitamente a chance de uma contração no ano que vem.

A Fecomercio-SP fala abertamente em recessão em 2027, citando o "esgotamento do modelo de crescimento baseado no endividamento". O Itaú, maior banco do País, rebaixou para 2027 a estimativa de crescimento do PIB de 1,2% para 0,5%. O Safra afirma que "o mercado estima um risco maior de recessão em 2027".

Para Sérgio Vale, economista-chefe da MB Associados, uma recessão fica "crescentemente" possível. "Seria um mini-2015 (quando o PIB caiu 3,8%), sem Lava Jato, mas com o mesmo risco de um ministro da Fazenda isolado do governo negando a realidade fiscal", diz.

A perda de fôlego da economia reflete uma mudança estrutural na dinâmica do crescimento. Nos últimos anos (2023-2025), a agropecuária e a indústria extrativa responderam por cerca de um terço do incremento do valor adicionado da economia, atuando como um suporte exógeno decisivo.

Para 2027, contudo, a expectativa de baixo crescimento ou estagnação no campo e a desaceleração de preços e produção petrolífera reduzirão consideravelmente a contribuição desses setores exógenos, deixando o PIB mais dependente das atividades cíclicas.

O problema é que o ambiente para atividades cíclicas como comércio, indústria de transformação e serviços tornou-se desfavorável. O Indicador de Condições Financeiras (ICF) do Ibre-FGV atingiu patamares restritivos, influenciado pela alta dos juros internacionais e pelo avanço das taxas reais (acima da inflação) de juros domésticas, que oscilaram entre 9,5% e 9,7% ao ano, jogando o impulso do crédito para o terreno negativo.

A indefinição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre como atacar a atual crise fiscal do País, raiz dos juros elevados, segundo economistas ortodoxos, complicou ainda mais o cenário após o segundo turno eleitoral. Os juros de mercado subiram, o dólar disparou e a Bolsa despencou.

Para Silvia Matos, coordenadora do Boletim Macro Ibre e responsável pela elaboração dos cenários macroeconômicos do instituto, haveria, de qualquer maneira, uma espécie de "purgatório" econômico mesmo se Lula atacasse o desequilíbrio das contas públicas.

Em sua opinião, o excesso de gastos do governo nos últimos anos e o endividamento privado poderiam ser digeridos com o passar do tempo sem uma recessão - desde que um ajuste fiscal crível reduzisse os juros que oneram famílias e empresas. Sem essa sinalização ou medidas efetivas, no entanto, segundo Matos, ganha força o risco de uma crise de crédito.

Estudos do Banco Central e a literatura econômica internacional mostram que ciclos de expansão apoiados em forte tomada de crédito costumam ser seguidos por fases de contração acentuadas – Plantio do milho chega a 80% da área projetada no Estadouma espécie de ressaca econômica. No Brasil, a concentração de dívidas em modalidades de alto custo e prazos curtos penaliza principalmente os 20% mais pobres, que enfrentam extrema dificuldade para se livrar de seus débitos.

